

Sarney na ONU

As Nações Unidas são ao mesmo tempo um sonho generoso e a mais alta tribuna do mundo moderno. A ONU ainda não tem poderes para definir as relações entre as nações, não pode ainda limitar a cobiça das grandes potências e impor a paz onde domina a guerra, mas ela já pesa e tem de ser levada em conta mesmo pelos grandes.

A próxima reunião da ONU, que se realizará a partir de 23 deste mês, é importante porque registrará mudanças nas relações entre as potências. Isto não significa que se espere fato espetacular, que algo mudará radicalmente nas relações entre as nações membros. O que vai se registrar é mais uma afirmação de um processo lento mas inexorável de mudança nas relações internacionais. Este processo é contínuo, mas se apresenta como o fato novo no mundo em que vivemos.

As mudanças de relações de forças entre os países não se dão por rupturas a não ser em casos de guerra ou de revoluções importantes. Este processo é cumulativo, mas é fundamental.

Quando a ONU foi fundada, não faz tanto tempo assim, a maioria da humanidade vivia em colônias, as grandes potências eram muito limitadas e os países em desenvolvimento se alinhavam incondicionalmente no campo de uma ou outra das grandes potências. Hoje, quanta coisa mudou... Os sistemas de alianças prevalecem mas cada vez mais um número maior de países defende com autonomia seus próprios interesses dentro do mundo atual.

Não desapareceram o "ditact" e a política de força. As provas são evidentes e aparecem até mesmo por invasões destinadas a colocar países mais fracos "no bom caminho". Entretanto, seria cegueira não ver que o número

de países que influenciam a política internacional cresceu e que aumenta o grau de complexidade destas relações.

O Brasil, como vários países da América Latina, da África e da Ásia cresceu de importância e passou a ser ouvido e muitas vezes acatado como expressão de interesses ponderáveis. Deixamos de ser subdesenvolvidos e passamos a ser considerados uma potência média. Com a oitava posição no mundo por nosso produto bruto, temos uma atuação independente e que consulta os interesses específicos de nosso país.

De alinhados incondicionais passamos a ser tratados como aliados conscientes, que têm de ser consultados. Ainda mais que o Brasil, já há alguns anos, passou a figurar na linha de frente das nações que criticam a atual ordem econômica e financeira do mundo, considerando-a inteiramente inadaptada ao mundo em crise em que vivemos. A posição do Brasil passou a ser pesada nos conclaves internacionais.

A Nova República inovou muito em nossa política externa e isto ficará patente no discurso que o presidente Sarney fará na ONU. Não seria justo afirmar-se que tenha havido uma revolução em nossa política externa, mas houve mudanças.

A primeira mudança e que se refletirá no discurso do presidente é de tom e decorre da consciência de que somos uma potência. Se dependemos dos demais, eles também dependem de nós. Não somos mais um "país reflexo" e qualquer catástrofe que pudesse nos atingir, atingiria a todos aqueles com quem nos relacionamos mais intensamente. O presidente abordará os temas da dívida externa, da ordem econômica e financeira mundial, num tom de quem é parte importante no processo.